

PRÁTICAS SOCIAIS E O CONCEITO DE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NA COMUNIDADE SANTIAGO DO IGUAPE¹

Ana Fátima Cruz dos Santos²

Orientadora: Profa. Dra. Maria Anória de Oliveira

Resumo: O objetivo deste *paper* é apresentar o progresso da pesquisa de mestrado em crítica cultural desde sua elaboração até o conhecimento de autores dos estudos culturais, da Linguística Aplicada, e demais áreas de estudos que apresentam diferentes teorias conduzindo o objeto da pesquisa para novos caminhos de análise. Serão apresentados o objeto atual de pesquisa, a metodologia a ser adotada e a nova problemática em questão. Continuamos a investigar sobre a educação quilombola, porém o foco está direcionado a percepção e noção que determinada quilombola tem do que seja educação quilombola e os usos de linguagem e práticas sociais para manipular determinado conceito.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Linguagem. Crítica Cultural.

"A cultura é, de expressão, primeiro de uma nação, suas preferências, seus tabus, seus modelos"
Frantz Fanon

O anteprojeto *Educação Quilombola: a linguagem das mulheres negras* foi aprovado na seleção 2013 do mestrado em Crítica Cultural. O mesmo tinha enquanto objeto de pesquisa as narrativas das mulheres negras de quilombos situados no território baiano registrados no documentário do diretor cinematográfico Antonio Olavo, *Quilombos da Bahia* (2004). A pesquisa possuía um método de análise documental e, a partir disto, salientar possíveis estratégias pedagógicas para aplicação de uma educação quilombola baseada nas culturas dos territórios quilombolas visitados. Estavam em questão as vivências das mulheres nas comunidades e a forma como as experiências de vida iam seguindo para gerações futuras.

A problemática anterior se valia do questionamento a seguir: qual a relação entre educação e o conceito de memória a partir das representações identitárias materializadas nos discursos das narrativas dos sujeitos entrevistados no documentário? Contudo, isto ainda não representava a linha de pensamento em que a pesquisa se pretendia guiar: trabalhar o conceito de educação quilombola independente da intervenção do Estado e suas políticas educacionais homogeneizantes e apontar os novos caminhos educacionais que determinadas comunidades quilombolas têm escolhido para educar sua juventude.

¹ Pesquisa sob a orientação da Profa. Dra. Maria Anória de Oliveira. Este paper foi apresentado enquanto Pré-requisito de avaliação discente do semestre 2013.1 para o Programa em Crítica Cultural (UNEB/Campus II) durante o Seminário Interlinhas 2013.1.

² Mestranda em Crítica Cultural/ Instituto de Letras-UNEB Campus II.

Envolvida com os teóricos estudados ao longo do primeiro semestre no mestrado, podemos observar a necessidade imediata de desconstruir conceitos fixados, a mudança de paradigmas para analisar de uma melhor forma as conjunturas sociais, culturais e também políticas a qual nos motiva à busca do conhecimento todos os dias. Neste momento, foi relevante observar os “sinais” que Ginzburg (1990) sugeria considerarmos assim como uma investigação minuciosa dos detalhes que compõem nosso olhar de pesquisador. Perceber os índices e a semiologia que nos cerca, principalmente quando discutimos os conceitos de cultura e identidade nesta sociedade pós-moderna. Estudar Thompson (1995), Turner (2005) e Friedman (1999) foi necessário para ganhar um panorama sobre o desenvolvimento do conceito de cultura que estes teóricos levantam e associá-los com os estudos em mobilidade cultural os quais nos permitem associar com as construções identitárias na reviravolta do mundo global.

As posturas epistêmicas se tornaram elementos criativos e interessantes enquanto estratégia de linguagem na pesquisa. Após conhecer os ideários de desobediência epistêmica por Mignolo (2008) e os diversos letramentos que circundam nossas práticas sociais (ver KLEIMAN, 2005; SOUZA, 2011), o objeto ganhou melhor definição. Para tratar sobre o tema educação quilombola no mínimo serão observados e aplicados letramentos diversos e assim, construindo identidades, aprendendo diferentes usos da linguagem e tudo isto imbricado nas culturas do território quilombola. Logo, concluímos que se faz necessária a especificação de uma comunidade remanescente de quilombo para estudo qualitativo e etnográfico. O recorte de perto da realidade educacional quilombola atrelada a estes dois conceitos: identidade e cultura.

A problemática que reescrevemos é: como ocorre a educação quilombola na comunidade Santiago do Iguape? A comunidade foi escolhida pela sua dimensão histórica dentro do território baiano, a qual, presentemente, explora seus bens culturais e suas identidades afro-diaspóricas através do recurso midiático mais conhecido como *internet*. Por meio de vídeos alocados na plataforma *youtube* e de perfil nas redes sociais, a comunidade quilombola situada em Cachoeira tem ressignificado a noção de tradição disseminada pelos negros africanos escravizados na região no período colonial. Por meio da música, da dança, da capoeira e do artesanato, Santiago do Iguape reescreve sua identidade negra e quilombola envolta no poder do global e local.

A continuidade da pesquisa tem provocado a ânsia por mais leituras sobre o pós-colonialismo, por adentramento nas posturas epistêmicas que dão novo sentido e significado às identidades fragmentadas do mundo pós-moderno (MOITA LOPES, 2006; HALL, 2001) e uma descolonização dos

signos no universo glocal³. Aprendendo todos os dias com as novas vozes, a possibilidade de se rediscutir o conhecimento não só aponta uma crise do objeto como a plenitude deste objeto em crise onde tudo é relativo e o crítico cultural é esta entidade que realiza arqueologias, ligações epistêmicas e transforma estruturas socioculturais.

REFERÊNCIAS

- SANTOS, Ana Fátima Cruz dos. *Anteprojeto Educação Quilombola: a linguagem das mulheres negras*. Salvador/Ba, 2012. 11 folhas.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: *Por uma Linguística aplicada Indisciplinar*. Luis Paulo da Miota Lopes (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Ed. 6. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. (Brasil) Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 8 de jun. 2012.
- KLEIMAN, Angela B. *Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Ministério da Educação, 2005.
- MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. 2008, p. 287-324.
- SOUZA, Ana Lúcia silva. *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: parábola Editorial, 2011.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 143-179.
- THOMPSON, John B. Conceito de Cultura. In: *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995, p. 164-214.
- TURNER, Victor. *Floresta de Símbolos – aspectos do ritual Ndembu*. Trad. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2005. p. 49-82.
- FRIEDMAN, Jonathan. Ser no mundo: globalização e localização. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 329-348.

³ Termo utilizado pela antropologia cultural a fim de explicitar a mistura de culturas globais modernas e locais tradicionais. Um intercâmbio entre as culturas em todas as suas modalidades e construções identitárias

